

**(...) O corpo não é mais aquele<sup>1</sup>**

*(...) Não faz mal que amanheça devagar  
as flores não tem pressa, nem os frutos  
sabem que a natureza dos minutos  
adoçam ainda mais o outono por chegar  
Portanto, não faz mal que divagar  
O dia vença a noite e seus redutos.  
O que nos vale é ter enxugado os olhos  
E a intenção de madrugar...  
(Geir Campos)*

Neste número, estamos dando seqüência à temática *Educação Física, Corpo e Sociedade*. Isto se dá, de um lado, porque um grande número de pesquisadores vem elegendo o corpo como objeto de estudo; de outro, porque o corpo vem se apresentando como problemática emergente que conta com expressiva visibilidade, não só no corpo teórico da Educação Física e Esportes, mas também no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, na Literatura e outras áreas do conhecimento. Esta evidência acerca das imagens corporais só será possível, se tentarmos recuperar os percalços históricos, sociais, biológicos, econômicos, éticos, estéticos, culturais, políticos, os quais permitem diferentes olhares e ângulos sobre as vicissitudes do corpo na Modernidade. A exposição mercantilizada das representações corporais destaca-se, sobretudo, nos episódios e fatos políticos e sociais veiculados pela mídia, cujas imagens cotidianas mostram o permanente movimento do corpo social na história. Deste modo, as políticas do corpo são refletidas, banalmente, nos espelhos quebrados com os requintes perversos da globalização e as idiosincrasias do capitalismo neoliberal.

Quando preparávamos esta edição, pensávamos acerca das possíveis vinculações entre corpo e sociedade, as quais se expressam, principalmente, na glamourização da relação entre corpo, sexualidade, erotismo e amor. Talvez seja por isso mesmo que, na contramão do corpo alienado, se ouve o eco da poesia: *(...) um corpo é muito pouco para se dar a quem se ama<sup>2</sup>*. Também refletíamos sobre os corpos de milhões de desempregados, refugiados, despatriados; sobre a inter-relação entre corpo, vida e morte; sobre a violência estrutural que, sob a batuta do capital, penaliza e banaliza a morte de milhões de crianças desnutridas em todo mundo - no Brasil, estas crianças pobres correspondem a 53%, das quais 19,5% vivem no Nordeste e 6% na região Norte, como apontam os dados do Relatório 2002 do UNICEF. Aliás, grande parte

<sup>1</sup> Expressão cunhada pelo professor Paulo Rubem Santiago no início dos anos 80, visando refletir o corpo durante as oficinas e palestras no Curso de Educação Física da universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup> Vânia de Sá Barreto, 2000. Informação verbal.

dessas crianças são como as do sertão alagoano, cuja estrutura corporal é *quase o peso de um passarinho*<sup>3</sup>. Elas, em sua maioria, tem o corpo faminto e esquelético, os olhos tristes da Somália, enfim, o corpo de quase todo continente africano, latino-americano, asiático e até europeu.... Nestes termos, predomina nestas searas a fome endêmica que se desenvolve como cogumelo e cresce feito uma solitária pelo corpo do planeta, em meio à abundância das elites e ao desperdício dos seus lixões, que contém os restos dos consumos supérfluos dos países ricos para mitigar a fome e escassez dos pobres.

No momento em que se fala e vive-se no corpo a violência, chorando a perda precoce de vidas, infalivelmente voltamos os nossos olhos para os 6.000 mortos na tragédia das torres gêmeas do World Trade Center em Nova York e para as outras tantas (ou mais) vítimas, exibidas como troféu pelo *cowboy* Bush em sua vingança indiscriminada contra o povo afegão. Porém, quando comparamos estes números com os dados do UNICEF, vamos constatar que 11 milhões de crianças com menos de 5 anos de idade morrem a cada ano no mundo, em sua maioria vítimas da desnutrição ou falta de condições básicas de saúde, correspondendo a 30 mil por dia. No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, 108 mil crianças morrem anualmente antes de completar o primeiro ano de vida, sendo, por conseguinte, 18 World Centers repletos de bebês por ano, um e meio a cada mês.<sup>4</sup>

Com o título supracitado, pretendemos recuperar as trilhas e pegadas deixadas pelo corpo social na história do presente da vida cotidiana. Neste sentido, a idéia é fomentar algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea, apoiados, portanto, na metáfora corporal de Denise Sant'Anna<sup>5</sup> com os seus *Corpos de Passagem*. Assim, com essa idéia pretendemos refletir como a sociedade vem sofrendo mudanças, as quais afetam o corpo e a subjetividade como, por exemplo, no envelhecimento precoce, no trabalho, no lazer, no desemprego, no amor, na arte, na sexualidade, etc.

Ao escrever este editorial, pensávamos na falta que faz Milton Santos, nosso *filósofo da Geografia*, grande homenageado deste número, o qual já havia sido citado no número anterior, sobre as suas análises e previsões pessimistas/otimistas acerca do movimento, para ele reversível, da *globalização perversa*, da qual era um crítico incansável e, em contrapartida, anunciava veemente uma outra globalização a caminho, *vinda de baixo para cima*. Na opinião dele, a face perversa da globalização impõe-se à

---

<sup>3</sup> Cf. documentário apresentado pela TV Cultura em dezembro de 2000.

<sup>4</sup> Cf. Milú Vilela e Hélio Mattar. *Os bebês do World Trade Center* – Folha de São Paulo, Caderno Opinião, 30/09/2001.

<sup>5</sup> Referimo-nos ao recente livro da autora *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

maior parte da humanidade, trazendo miséria e mal-estar para o corpo social que se vê eivado por um novo *ethos* das relações sociais e interpessoais, o qual tem como eixo a dupla e interrelacionada tirania do dinheiro e da informação que, em última instância vem influenciando a subjetividade das pessoas e bloqueando a vida social, cultural, econômica e política dos povos (cf. Otavio Ianni<sup>6</sup>). Em suma, Milton diria literalmente:

*(...) A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fontes de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível na formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos. A perversidade sistêmica é um dos seus corolários.*<sup>7</sup>

Ao falarmos deste emérito intelectual, nosso homenageado, volvemos nossos olhares para o corpo dos brasileiros, principalmente da classe social raquítica, aquela que segundo Ricardo Antunes<sup>8</sup> é a *classe-que-vive-do-trabalho* ou, de acordo com Robert Castell<sup>9</sup>, *aqueles-que-estão-aptos-para-o-trabalho-mas-que-não-trabalham* (desempregados), e não das *classes obesas*, como dizia o próprio Milton Santos, vamos ter que nos deparar ainda com os *analfabetos cívicos* (os sem educação, sem terra, sem teto, sem carteira, sem carreira), vamos ter que nos confrontar com a estética nos campos, cidades e ruas, cujas imagens estão repletas de violência urbano-rural, de mendigos/miseráveis, bóias-frias, crianças trabalhando precocemente, pessoas na busca desesperada por emprego, cujas práticas corporais constituem-se em gastar sola de sapato, energia, paciência, rebaixando, assim, a auto-estima e acentuando o desalento<sup>10</sup>. Nas políticas do corpo, portanto, estão impressas as insígnias das políticas públicas encetadas pelo Estado onipresente, em claro divórcio com a sociedade civil. A essa total ausência de proteção do Estado para com a cidadania, podemos chamar de tortura corporal simbólica/real, que se constitui, como já reiteramos em outros números, em verdadeiras caminhadas e ginásticas cotidianas na busca de trabalho, enfim, em sessões de *castigos corporais*.

Aliado a todo esse quadro imagético/real, o que vemos todos os dias na chamada *modernidade globalizante* é a sua capacidade de destruição dos direitos trabalhistas, do

<sup>6</sup> Em entrevista para a revista *Caros Amigos*, ano V, edição 58, janeiro 2002..

<sup>7</sup> Cf. Santos, Milton. *Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

<sup>8</sup> Cf. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

<sup>9</sup> Cf. *Desigualdade Social e a Questão Social*. São Paulo: Educ/PUC, 1997.

<sup>10</sup> Este se constitui na desistência das pessoas em procurar trabalho, fato este que termina, aparentemente, por diminuir o desemprego. Por exemplo, a taxa de desemprego de 2001, de acordo com o IBGE, fechou em 6,2%, a

patrimônio público, que fora foi construído com o suor do labor da força humana de trabalho. Além disso, esse processo destrutivo também ameaça insistentemente fechar as portas da Universidade Pública Brasileira, deixando-a sem verbas, tratando o ensino como mercadoria em um negócio lucrativo para os donos das universidades privadas. Deste modo é que o projeto neoliberal expressa seu modelo de universidade, orientada na lógica do mercado, Shopping Center do conhecimento, fundada no elitismo e utilitarismo. Em contrapartida, está colocada na mesa de jogo a preservação da universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada, conforme ficou demonstrada na greve dos professores das universidades federais e de alguns Estados, no ano que passou.

Há, por parte da sociedade civil e do próprio movimento sindical docente, uma luta e resistência incansável para não entregar este patrimônio público de mãos beijadas às organizações e corporações multilaterais, gestoras, por conseguinte, do capital internacional (FMI e Banco Mundial), em conluio com os poderosos Estados nacionais (EUA e seus aliados/G8). O FMI e o Banco Mundial, com seus planos de ajuste estrutural ou *intervenções de socorro*, sob o argumento de *ajudar* os países periféricos, promovem a deterioração da classe trabalhadora, transformando-a no dizer de Viviane Forrester<sup>11</sup>, numa *sociedade de escravos*. Além disso, essas intervenções têm a finalidade de gerar superávit nas balanças comerciais destes países, para que possam pagar suas dívidas com os credores, que são estes mesmos organismos financeiros e os países desenvolvidos, operando em nome das grandes corporações transnacionais.

Todo esse processo de reformas vivido por grande parte dos países da América Latina - em especial, pela situação de calamidade pública por que passam, recentemente, a Argentina, e o Brasil, já a bastante tempo - , tem como pano de fundo os pressupostos neoliberais do Consenso de Washington que expressa, de fato, um verdadeiro *consenso*, ou seja, o acordo unânime entre as nações ou grupos que negociam acordos, questões e interesses econômicos comuns da seguinte monta: diminuição do papel do Estado, pobreza abissal, recessão, enxurrada de privatizações, desregulamentação e abertura de mercados ou zonas econômicas livres<sup>12</sup>. Desta maneira, a continuar essa onda destrutiva, que tende a reverberar sobre o corpo social e

---

menor desde os 5,7% registrados em 1997. Em 2000, a taxa havia sido de 7,1%. Cf. Folha de São Paulo/Dinheiro, 26/01/2002.

<sup>11</sup> *O horror econômico*. São Paulo: Ed. UNERP, 1997.

<sup>12</sup> Cf. Pablo Gentill. *A falsificação do Consenso: simulacro e imposição na reforma educacional e neoliberalismo*. Petrópolis: RJ, 1998.

provoca cortes e impactos nas verbas para as políticas públicas para educação, saúde, trabalho, moradia, previdência social e outras, será preciso que os países periféricos, como diz Michel Chossudovsky<sup>13</sup>, *chamem os investidores de Wall Street para recolher os cacos*.

Apesar disso, o *corpo não é mais aquele*, pois, afinal, as manifestações de resistência da sociedade civil, além de outros movimentos e lutas sociais anti-globalização em nível nacional (greve dos SPFs, Fórum Social Mundial) e internacional (“panelazos” na Argentina, Seattle e Gênova), corroboram a *outra globalização* de Milton Santos, agregando-se deste modo, às posições epistemológicas de Ianni<sup>14</sup>: *são sintomas de que é preciso recriar utopias ou formular novas utopias ou ainda utopias construídas no tempo presente*.

Outra questão que, a nosso ver, envolve o debate entre corpo e sociedade e, que, provavelmente, deverá repercutir sensivelmente sobre o corpo dos trabalhadores é a flexibilização/precarização da CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas. Por isso, consideramos de suma relevância trazer esta problemática à tona, uma vez que, como se sabe, a quebra dos direitos historicamente consolidados dos trabalhadores (CLT), representa uma ameaça para a força humana de trabalho. Portanto, neste entrevero entre capital e trabalho, perguntas ficam no ar: *esta flexibilização e precarização das leis trabalhistas não significará para a classe trabalhadora mais desemprego<sup>15</sup>, subemprego, trabalho forçado, trabalho escravo, exploração do trabalho infanto-juvenil e feminino? Como isso poderá repercutir, em termos materiais e imateriais, para as condições objetivas de vida e saúde coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras, principalmente, para a grande massa de jovens que sonham em ingressar no mercado de trabalho? O que a comunidade acadêmica da Educação Física ou as chamadas Ciências do Esporte pensam ter a ver os estudos do corpo com toda essa conjuntura?*

Para ajudar a refletir sobre estas e outras questões, este número da Motrivivência, na seção de **Artigos**, apresenta quatro contribuições que tratam do tema central - Corpo e Sociedade – a partir de abordagens bastante originais e relevantes para pensar o corpo em suas complexidades epistemológicas.

---

<sup>13</sup> Cf. *A Globalização da pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo: Ed. Moderna, 1999.

<sup>14</sup> Op. Cit.

<sup>15</sup> Segundo o IBGE de 1991 a 2000, o desemprego cresceu, a renda caiu e aumentou o tempo de procura para vagas no mercado de trabalho, o desalento e a dificuldade de conseguir emprego (Folha de São Paulo-Folha Dinheiro, 13 de janeiro de 2002).

**Selvino Assmann** propõe associar a reflexão sobre o corpo na sociedade globalizada e neoliberal ao debate sobre o direito à vida, como síntese de todos os direitos humanos. Por outro lado, **Silvana Goellner**, através de enfoque histórico, mostra as estratégias sociais de controle e ocultamento do corpo da mulher, nos anos 30 (do século XX), pela construção de imagens da feminilidade, detendo-se nas contribuições específicas de duas obras da Educação Física brasileira. Enquanto isso, **Terezinha Petrucia de Nóbrega**, a partir de autores da chamada pós-modernidade, reflete sobre o agenciamento de novas subjetividades na sociedade contemporânea, em que se incluem as transformações tecnológicas sobre o corpo, gerando saberes e fazeres que precisam ser tematizados pela Educação Física. Por fim, **Samuel Macêdo Guimarães** sugere aproximação à ecosofia de Guatarri para resgatar a competência esquecida da Educação Física em lidar com a construção dialógica da corporeidade.

Dando continuidade à pergunta formulada pela editoria (“*O corpo nosso de cada dia: por onde ele anda, para onde ele vai?*”), mais dois **Pontos-de-vista** contribuem para o debate: **Carmen Lúcia Soares** afirma que o corpo, conectado ao passado e ao futuro, caminha em múltiplas direções, sendo necessário repensar a educação que se faz sobre o corpo; **Maria Dênis Schneider e Ana Márcia Silva** constatarem que o aumento da aplicação de tecnologias sobre o corpo parece implicar a diminuição da soberania corporal.

Em **Cientifique-se**, prosseguimos com o propósito de divulgar a produção acadêmica, especialmente da pós-graduação. Assim, **Vera Lúcia Amaral Torres** apresenta texto-síntese da sua Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC/SP, propondo um diálogo entre duas teorias sobre a cognição humana. **Júlio César Couto de Souza** reflete a respeito das conseqüências da chamada modernização do futebol brasileiro sobre as categorias de base, tema que tratou em sua Dissertação de Mestrado em Educação Física na UFSC.

Na seção **Grupos de Estudos**, **Alcyane Marinho e Gisele Maria Schwartz** apresentam os propósitos, ações e produção acadêmica mais relevante do **Laboratório de Estudos do Lazer**, vinculado ao departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro/SP.

**Experimentando** traz relato e reflexão de **Aginaldo Gonçalves** sobre o tema da extensão universitária, a partir de experiência vivida na Coordenadoria de Extensão da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Destinado a polemizar, o texto aborda,

entre outras, questões como a extensão autofinanciada e remunerada e a sua articulação com o ensino (de graduação e pós) e a pesquisa.

Concluindo este número, **Porta Aberta** apresenta estudo antropológico de **Fernando Bittencourt**, que aborda a dialogicidade corporal em rito funerário na cidade de Florianópolis.

Quanto às ilustrações desta edição, decidimos continuar com a estética dos traços corporais delicados do artista Cláudio Fonseca, tentando com isso manter a linha de reflexão iniciada no número 15 sobre os *cuidados especiais com o corpo*, com toda ditadura e tecnocracia da saúde e do rejuvenescimento, que promete mais beleza e longevidade, a tal ponto que, segundo a revista Isto É, *será possível chegar aos 100 anos com saúde*, afirmação que se coloca em direção contrária à realidade detectada nas pesquisas do Centro Josué de Castro dos anos 90, indicando que a expectativa de vida na Zona da Mata Canavieira pernambucana atinge os 45 anos e sete meses para as mulheres e 43 anos e cinco meses para os homens, em virtude das deformações corporais impostas pelo trabalho insalubre naquela região e talvez alhures...

Antes de nos despedir, aproveitando o conteúdo do último tema *rito funerário*, queremos fazer uma homenagem póstuma aos prefeitos das cidades de Campinas e Santo André, respectivamente Antônio Costa Campos (*Toninho*) e Celso Daniel, ambos do Partido dos Trabalhadores e que foram violentamente assassinados, recentemente.

Até o próximo número, quando voltaremos com a 17<sup>a</sup> edição tratando da *Educação Física, Esportes, Lazer e Mídia*, tema tão presente neste momento em que, pela “janela de vidro”<sup>16</sup>, somos instigados a espiar a intimidade de corpos/objeto expostos nas vitrines dos *reality-shows* (No Limite, Casa dos Artistas, Big Brother Brasil). Curiosidade que nos leva a pensar no que acontece com o corpo do brasileiro, da América Latina, com o corpo do mundo, uma vez que ainda está em voga o corpo faminto, conformista, expoliado, oprimido, clonado, violentado, produtivo, alienado, desempregado, excluído ou incluído precariamente, mas ao mesmo tempo transgressor, rebelde, resistente, civilmente desobediente, lúdico, poético, emancipado, enfim gozoso...

---

<sup>16</sup> Metáfora com que Willem Hesling refere-se à televisão (cf. Mauro Betti. *A Janela de Vidro*. Campinas: Papirus, 1998.)

Deixamos por fim a mensagem poética corporal/visceral de Thiago de Mello, que nos incita a buscar novas palavras para construir outra sociedade, outra história, outro tempo, outro espaço, em suma, outro corpo social:

*(...) É certo que recuperamos a fala  
Mas ainda não aprendemos a pronunciar  
O nome das flores que arrebentam na praça.  
Como a palavra cristalina queima,  
Muitos ainda preferem o aconchego dos  
Enigmas  
E sobretudo continuamos a nos ouvir  
Repetindo os compêndios corroídos  
Pelas traças inexorável dos erros.  
Recuperamos a fala  
Mas as palavras de brasa,  
As terríveis palavras perseguidas  
Pelas quais nos amarram a boca,  
Hoje entram em todas as casas,  
Proferidas as cores,  
Pelos antigos mordaceiros da luz,  
Mas lavadas por dentro,  
Esvaziadas de tudo o que nelas  
Era poder de pássaro e canção*

**Saudações dos editores**

**Maurício Roberto da Silva**

**Giovani De Lorenzi Pires**